

Governo do Estado do Ceará

Governador

Cid Ferreira Gomes

Vice-Governador

Francisco José Pinheiro

Secretário da Cultura

Francisco Auto Filho

Secretária Executiva da Cultura

Alda de Oliveira

Coordenadoria de Políticas do Livro e de Acervos

Karine David

Raymundo Netto (Coordenação Editorial)

Coordenadoria de Patrimônio Artístico e Cultural

Otávio Menezes

Diretoria da Casa de Juvenal Galeno

Antônio Santiago Galeno Júnior

Coleção Nossa Cultura

Conselho Editorial

Ângela Maria R. Mota de Gutiérrez Cristina Rodrigues Holanda Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes Jorge Pieiro Maria Eleuda de Carvalho Rafael Sânzio de Azevedo Sarah Diva da Silva Ipiranga

Juvenal Galeno

- OBRA COMPLETA -

CANTIGAS POPULARES

2ª edição

Organização Raymundo Netto

Apresentação à 1ª edição José Aurélio S. Câmara



Fortaleza - Ceará 2010

Juvenal Galeno: obra completa

Cantigas Populares

2ª edição

Copyright © 2010 Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Todos os direitos desta edição reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de 19.02.1988 à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da SECULT/CE.

Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n, 3^{0} and ar, Fortaleza, Ceará CEP: 60.839-900 www.secult.ce.gov.br

Casa de Juvenal Galeno

Rua General Sampaio, 1128, Centro, Fortaleza, Ceará

Coordenação editorial

Raymundo Netto

Revisão de texto

Jorge Pieiro e Raymundo Netto

Digitação do original

Remo e Raymundo Netto

Capa

Mariano Souza e Raymundo Netto

Programação visual e diagramação

Francisco Batista

Ilustrações

Na capa: "Juvenal Galeno", óleo sobre tela da poetisa e artista plástica Jane Blumberg Na orelha: "Juvenal Galeno", óleo sobre tela de Otacílio de Azevedo Na folha de rosto: Capa e primeira página da partitura do "Hino a Juvenal Galeno", poema de Filgueiras Lima com música de Silva Novo, acervo da Casa de Juvenal Galeno Foto de orelha: herma de Juvenal Galeno (Rio de Jeniro, 1936), de autoria da escultora Celita Vaccani (1913 – 2000), acervo da Casa de Juvenal Galeno (Foto: Raymundo Netto)

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

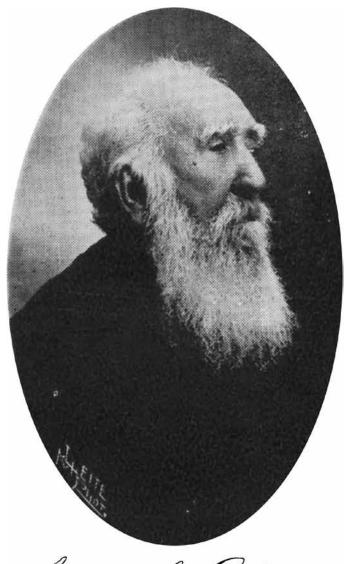
Catalogação na Fonte

G 15f Galeno, Juvenal
Cantigas Populares. 2ª.ed./Juvenal Galeno. - Fortaleza: Secult, 2010.
152 p. :il.

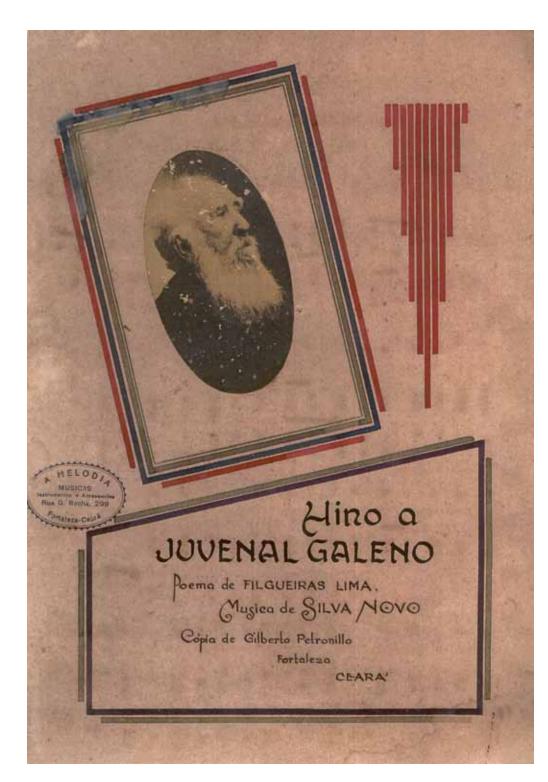
ISBN: 978-85-7563-593-3

1. Literatura brasileira – prosa e verso – I. Título

CDD: 800



Juvenal Galenos





ÍNDICE

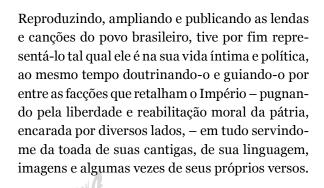
Retorno às Origens	11
Apresentação de José Aurélio S. Câmara	15
Mateus	19
O canário	27
O jantar de Jesus	31
A soberba	
Ah, meu tempo!	
A tranquilidade	
Formosura	
Cantiga de frade	61
A partida	69
A casa-grande	73
Dia de finados	85
Olhos de mãe	
Cena sertaneja	
O cearense	
O mundo	111
Alma exilada	119
Apêndice da 2ª edição	
Miscelâneas	

RETORNO ÀS ORIGENS

A publicação, pela Secretaria da Cultura do Estado, de *Juvenal Galeno: obra completa* pretende iniciar uma nova fase na vida da famosa Casa que leva seu nome. Criada para preservar a memória do poeta, a Casa de Juvenal Galeno terminou por assumir, ao longo do tempo, outras funções que a levaram a pôr em plano secundário a política literária nacional-popular do autor de *Lendas e Canções Populares*.

Se essa política literária cumpriu, na origem, um papel decisivo na formulação de uma autêntica literatura nacional, como, na segunda metade do século XIX, buscou demonstrar o crítico Araripe Júnior em duas famosas cartas (a primeira, sobre a "literatura brasílica", de 1869, e a segunda, sobre "A poesia sertaneja", de 1875), agora, sob o impacto da "globalização" imperialista, ela readquire flagrante atualidade diante do avassalador "jugo de estrangeiras emoções".

E foi o próprio Juvenal Galeno um dos primeiros a formular os fundamentos dessa então nova política literária. Na nota de introdução que escreveu para o livro *Lendas e Canções Populares* (1865), assim os exprimiu:



Se consegui, não sei; mas para consegui-lo procurei primeiro que tudo conhecer o povo e com ele identificar-me. Acompanhei-o passo a passo no seu viver, e então, nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouvi e decorei seus cantos, suas queixas, suas lendas e profecias – aprendi seus costumes e superstições, falei-lhe em nome da Pátria e guardei dentro em mim os sentimentos de sua alma, – com ele sorri e chorei, – e depois escrevi o que ele sentia, o que cantava, o que me dizia, o que me inspirava.

Não se limitou, porém, o nosso poeta a tratar a questão no terreno puramente antropológico. Sua concepção de política literária contempla a dimensão do engajamento sociopolítico, numa atitude que o singulariza entre os que, à época, propugnavam pela construção de uma literatura "brasílica":

Chorei a sorte do povo, que nas ruas, no cárcere, e por toda a parte sofria a escravidão. E vendo então que ele ignorava seus direitos, lhe expliquei; vendo-o no sono fatal da indiferença, despertei-o com maldições ao despotismo e hinos à liberdade, — e estimulei-o comemorando os feitos dos mártires da Independência e de seus grandes defensores, — preparando-o assim para a reivindicação de seus foros, para a grande luta que um dia libertará o Brasil do jugo da prepotência, e arrancará o povo das trevas da ignorância, e dos grilhões do arbítrio.

É a esses valores que se pretende fazer a Casa de Juvenal Galeno retornar agora, após a reforma e ampliação que o Governo do Estado promove. O novo programa da SECULT de apoio à cultura popular cearense, cumprindo as diretrizes de governo do então candidato Cid Gomes, concretiza tais valores com a criação de uma rede de instituições que inclui, além da Casa de Juvenal Galeno, o Memorial Patativa do Assaré, restaurado e ampliado; o Memorial do Poeta Agricultor Patativa do Assaré, instalado na Serra de Santana; o Memorial Cego Aderaldo, em Quixadá; a Lira Nordestina, em Juazeiro do Norte, em parceria com a Prefeitura do Município e a Universidade Regional do Cariri; o Centro Histórico-Cultural do Caldeirão, em parceria com a Prefeitura do Crato; os Memoriais das Culturas Indígenas, o primeiro dos quais a ser instalado na Casa de José de Alencar, em parceria com a Universidade Federal do Ceará e a Federação das Indústrias do Estado do Ceará; o Memorial dos Quilombolas; os Museus de Arte e Cultura Populares, no Centro de Turismo de Fortaleza; Arte Sacra Popular, no Cariri, e do Ex-Voto, em Canindé; e, finalmente, a Universidade Popular dos Mestres da Cultura Tradicional. Outras instituições igualmente necessárias para a preservação e difusão das culturas populares do Ceará estão em estudo pelo corpo técnico da SECULT e entidades da sociedade civil local.

A necessidade da intervenção do poder público como suporte institucional dessa esfera de nossa cultura é não só obrigação constitucional do Estado, mas encontra respaldo na opinião de renomados estudiosos, como Tristão de Athayde, que, já em 1928, destacava: "Se o povo, mas que as gerações cultas, participa da natureza e das condições ambientes, nenhuma terra mais propícia à poesia popular que o Ceará".

Auto Filho Secretário da Cultura do Estado do Ceará

APRESENTAÇÃO À 1ª EDIÇÃO

As páginas que compõem este volume constituem mais um livro, um pequeno livro, é verdade, a ser acrescentado à obra literária de Juvenal Galeno.

Escrevendo em prosa e verso, muito mais em verso que em prosa, pois era, sobretudo, poeta e como poeta popular o maior das letras brasileiras, o bardo cearense não chegou a publicar tudo o que escreveu. Impediu-o a velhice marcada, em mais de um quarto de século, por uma cegueira impiedosa; tolheram-lhe a iniciativa, a indiferença e o desapego com que a presumida vizinhança da morte o afastava das coisas da vida.

Enquanto foi válido e forte poetou com vibração e interesse — interesse em divulgar o que pensava e o que escrevia —, pois é evidente que deu à sua obra uma inegável sentido social, e através dela externou os conceitos e opiniões que formava acerca dos fatos do seu tempo e do seu meio.

Aos vinte anos já publicava seu primeiro livro, *Prelúdios Poéticos* (1856), a que se seguiriam *A Machadada* (1860), *Porangaba* (1861), *Lendas e Canções Populares* (1865), *Cenas Populares* (1871), *Canções da Escola* (1871), *Lira Cearense* (1872) e *Folhetins de Silvanus* (1891).

Em jornais e revistas do Ceará e do Rio de Janeiro encontram-se, esparsas, poesias suas, ali publicadas, em sua maioria, no terceiro quartel do século passado.

Na revista *Aspectos*, nº 2, de 1968, publicação da Secretaria de Cultura do Ceará, trouxemos a público sete poemas de sua lavra, exumados da poeira de velhos periódicos e que, por não figurarem em nenhum dos seus livros, eram praticamente desconhecidos.

Destes, três são composições de acentuado lirismo, elaborados pelo poeta na quadra dos vinte anos; os demais se enquadram no vasto campo da poesia social onde, invariavelmente, ele passou a buscar a sua temática de eleição.

No arquivo da Casa de Juvenal Galeno, templo onde a memória do Poeta é diuturnamente cultuada pela intelectualidade patrícia, encontrou sua neta Cândida Galeno, atual diretora da instituição [ano de 1969], os originais dos poemas enfeixados neste livro. São apenas dezesseis, aos quais o próprio autor atribuiu o título comum de *Cantigas Populares*. Observe-se que se considerando e sendo, de fato, poeta do povo, Juvenal empregava o adjetivo correspondente no título de um terceiro livro [antes, o *Lendas e Canções* e depois o *Cenas*].

As estrofes aqui reunidas constituem, talvez, as últimas que compôs Juvenal Galeno. Devem ter sido ditadas, em sua quase totalidade, pois mergulhou nas trevas da total cegueira aos setenta anos, em 1906, e as páginas agora publicadas ou são posteriores àquela data ou a antecederam de curto período, quando a visão do autor, de tão apoucada, não mais lhe permitia o manejo da pena.

E assim, naqueles dias de escuridão para os olhos do corpo mas ainda de límpida visão para os olhos do espírito, o Poeta costumava ditar o que compunha à sua estremosa filha e dedicada secretária, Dra. Henriqueta Galeno.

É possível que a Juvenal não interessasse a publicação destes versos.

São poesias onde a tônica é quase sempre diversa daquela que marcou sua obra anterior, quando as descrições folclóricas e o inconformismo ante a injustiça social afinavam a lira vibrante e fecunda do poeta popular.

A paisagística da sua terra e da sua gente, com suas amarguras, suas alegrias e suas sugestões assumem aqui preocupação secundária nas cogitações do Poeta. Surge apenas no primeiro poema do livro, e, mesmo assim, para insinuar reflexões sobre

os desvarios da riqueza angustiante e os encantos da pobreza despreocupada.

Mesmo nos versos em que pinta murais da terra nordestina com seus bichos e seus homens, sente-se que a cena é estruturada apenas para permitir que dela se extraia uma lição de amor e de bondade ou propiciar um ensinamento de ordem moral.

Nestes versos, a glorificação dos valores espirituais consome toda a preocupação do autor. O que se vê é o apanágio da caridade, a crítica à deformação dos princípios evangélicos por quem devia melhor praticá-los, a exaltação da pobreza, a manifestação de uma crença absoluta na justiça divina, que, através de muitas vidas de provação, haverá de, afinal, conduzir as almas purificadas aos páramos celestiais.

Juvenal Galeno era espiritualista convicto, um crente inamoldável na reencarnação, e nos seus versos deixa clara a sua certeza na necessidade deste mundo de expiação, tão imprescindível às almas quanto a lapidação ao diamante, como diz num dos poemas aqui reunidos, onde ainda se lê que

Por isso, sem dor, sem pranto, Sem a desgraça, a aflição, Como podem as criaturas Adquirir as alvuras Para subirem às alturas Da celeste habitação?

Estas considerações de ordem espiritualista nunca foram ausentes dos seus versos. Nunca, entretanto, se fizeram presentes com tanta insistência nem com tanta convicção quanto nas poesias das *Cantigas Populares*.

Os poemas "O Mundo" e "Alma Exilada", que encerram esta publicação, revelam fartamente a predominância que os temas espirituais passaram a ocupar na poesia de Juvenal Galeno. De um modo geral, os versos agora publicados explicam a serena conformação com que o velho bardo viveu a reclusão e a amargura de vinte e cinco anos de cegueira, e o sentido expiatório que lhes atribuía como um degrau a vencer no rumo da bem-aventurança.

Para uma mais completa análise da obra de Juvenal Galeno, para trazer mais uma contribuição ao estudo da sua vida e da sua poesia, os versos das *Cantigas Populares* exigiam a sua publicação.

Só merece encômios a Casa de Juvenal Galeno por publicálas como parte das comemorações do seu cinquentenário de fundação.

Vão eles incorporar-se, embora tardiamente, à bibliografia do Poeta com sua ortografia devidamente atualizada, trabalho de que gentilmente se incumbiu D^a. Daisy Pessoa de Andrade.

> José Aurélio S. Câmara Fortaleza, maio de 1969.



MATEUS





Os ares, para quem voa... O sertão p'ra criar gado.

Mateus era um jornaleiro, Compadre do seu patrão; Ganhava bem o dinheiro, Bem sustentando o rojão; E finda a lida, de noite, Ceado já seu feijão, Tocava em sua viola O mais alegre baião; E abria o queixo cantando Com sincera animação Não só amores alheios Como os do seu coração, Té que vindo o sono aos olhos Junto à consorte adorada, Dormia qual dorme o justo, Para acordar n'alvorada.

Assim passou muitos anos, Sempre lidando e a cantar, Pobre, sim, mas sempre alegre, Na tosca choça — o seu lar; Mas um dia o seu compadre, Seu amigo e seu patrão, A quem dera muitas provas Da maior dedicação, E que por isso o queria Deveras, com devoção, Chamou-o e disse: — Compadre, Já precisa descansar... Dou-lhe este conto de réis, Tome, vá negociar!... Mateus, caindo das nuvens - Compadre! - pôs-se a chorar; E recebendo o dinheiro Foi para casa o guardar, Enquanto quem lh'o ofertara, Satisfeito à esposa diz: — Mais do que nunca o Mateus Cantará, hoje, feliz!

Mas debalde abriu ouvidos De noite para escutar; Que silêncio em todo o sítio, Não se ouvia nem falar! — Acaso estará doente? Disse o patrão a cuidar; E de manhã, cedo ainda, Vai o compadre esperar... Chegou Mateus, madrugava, Gostava de madrugar; Mas como está demudado! Que palidez no seu rosto. Denunciando um desgosto... Parece mal-assombrado! Compadre, disse, obrigado; Mas vá guardar seu dinheiro; Pensava dar-me consolo? Quase virou-me o miolo Este infernal feiticeiro! Não dormi um só momento! Por qualquer sopro de vento, Eu dava da rede um salto, Dos ladrões vendo o assalto; E depois, que confusões! Negócio mil... transações... No fim sempre o prejuízo... Ai, quase perco o juízo Em tantas maginações!

Antes pobre jornaleiro, Do que rico atribulado... Compadre, muito obrigado, Mas vá guardar seu dinheiro! E livre, resignado, Trabalhou o dia inteiro.

De noite, quem não dormia, Com prazer de certo ouvia Cantar na choça o Mateus, Qual costumava, entoado, Da viola acompanhado... Eis alguns dos versos seus: Seja a vida má ou boa, Cada qual cumpre seu fado; Os ares para quem voa, O sertão p'ra criar gado!

Eu não invejo a riqueza Que a riqueza traz cuidado; Antes na minha pobreza, Sempre alegre e conformado.

Que das venturas da vida Também tenho meu bocado; Minha viola querida, Meu baião repinicado!

Qu'importam trabalhos meus? Amo a foice, amo o machado, Bem comigo, bem com Deus, No meu canto sossegado.

Que na vida — má ou boa — Cada qual cumpre seu fado; Os ares para quem voa, O sertão p'ra criar gado!

O CANÁRIO





Eu sou aquele canário Que vai à povoação. Tanto canto de corrida Como de estalo na mão!

Eu sou aquele canário Que outrora tanto cantava, Da montanha entre os regatos... Quando as florinhas dos matos Em doce enlevo eu amava.

Descendo depois ao vale, Cantei na povoação; Que lá encontrei carinhos, Mas, no meio dos espinhos, Perfídias, zelos, traição! E ainda, às vezes, nem sempre, Tanto canto de corrida, Como, triste, suspirando... Meu passado recordando Agora, no fim da vida.

Em segredo murmurando, Canto de estalo na mão... Ai, conforme o sentimento, Que de momento a momento A brisa faz-se tufão!

Assim cumpro o meu destino, Nos ermos, na multidão; E nesta mal paga lida Tanto canto de corrida Como de estalo na mão!

O JANTAR DE JESUS





Andava Jesus no mundo,
Cumpria sua missão;
Do céu mostrando o caminho,
Caminho da salvação;
E parando um dia à porta
De majestoso solar,
Ao rico disse: — Esperai-me
Amanhã para jantar!
E numa vizinha choça
Disse o mesmo ao pobre dono,
Tão pobre como o seu lar.

Prepara o rico um banquete Da mais custosa iguaria; E o pobre que possuía Apenas uma galinha, Assou-a bem assadinha E a colocou deitadinha No prato que só havia! Eis aparece um mendigo,
Pede esmola no solar;
— Não posso, responde o rico,
Venha depois do jantar,
e o mendigo, tropeçando
Na choça foi suplicar;
Disse o dono à esposa sua:
— Ó! Dá de baixo uma asinha,
Fica direita a galinha,
Ninguém pode reparar.

Segunda vez e terceira,
Outro mendigo a esmolar;
Grita o rico, aborrecido:
— Venha depois do jantar!
Mas o pobre, com carinho:
— Espere, irmão, um pouquinho.
E virando o seu manjar,
Ao segundo, uma coxinha,
E ao terceiro, a carnezinha
De baixo, e eis a galinha
Perfeita no seu lugar.

E Jesus, Jesus não veio.
Indagam: Qual a razão?
Responde ao rico: Três vezes
Pedi no vosso portão,
E de lá saí com fome...
Bastava um pouco de pão!
E ao pobre disse: Três vezes
Em vossa casa jantei,
Comi de vossa galinha,
E a minha fome fartei!

Que Jesus era o mendigo! Aonde mais humildade? Lavando os pés dos discíp'los Não lavou da humanidade? Só Jesus nos pede a todos Perdão, amor, caridade!

A SOBERBA





Quando vem a dona Gia Que se julga airosa e bela, Bamboleando, vaidosa, No peito vermelha rosa E sempre-viva amarela; A saia, então, levantando, Outra de baixo mostrando, E da botina o verniz; No rosto descido véu Preso da moda ao chapéu Das flores entre o matiz... E em frente do senhor Sapo Toda afetada lhe diz: – Que susto n\u00e3o tive agora!... Como está mal encarado! Foi a influenza, senhora, 'Inda estou endefluxado... — E Sapo tem influenza? - Essa é boa... Ó, não se benza...

Repimpado o senhor Sapo

Estava à sua janela,

- E Sapo também tem gripe?
- Soberba não se constipe,Que por força há de espirrar!
- Grosseiro! Como me trata!Não sabe as damas tratar!
- E a senhora, dona Gia,
 Com ares de zombaria,
 Não veio me debicar?
 Pois sou filho da lagoa,
 Aonde também nasceu!
- Qu'importa a natal estância?Entre nós quanta distância,Veja quem é, quem sou eu!
- Perdoe-me, Vossa Excelência...
- Conhece sua insolência
 E falta de educação;
 Não pode entrar numa sala,
 Com gente assim não se fala;
 Dá-se o pé, pega na mão!

Senhora, dê-me atenção:
Rude sou, isto é verdade,
Mas na família dos Sapos
Mesmo aqui nesta cidade
Encontra-se a distinção:
Juízes, sábios, doutores,
Com grandes panças e papos...
Exímios engrossadores
De tudo, com profusão!

E a soberba e presumida, Não lhe dando mais respostas, Com desprezo vira as costas Depois de ferino olhar... E ainda mais sacudida Continuou seu andar.

O senhor Sapo à janela Sentiu um nó na goela Mas conseguiu desatar; E então gritou: — Ó, senhora, Do que sou, culpa não tive O pobre também convive Também ama e firme adora, Logra também coisa boa, Por pobre também se chora!

AH, MEU TEMPO!





Eu já fui alguma coisa, Mas hoje não sou mais nada!

Ι

Calangro foi venenoso,
Mais do que é o lacrau,
Cascavel, cobra-coral,
Quem perto dele passava?
Quando mordia, matava,
Ninguém, decerto, escapava,
Era um lagarto fatal!
Mas uma vez o assassino
Mordeu o pé d'um menino
Que pisou no seu terreno;
Era Jesus o pequeno...
Por isso logo o Divino
Tirou-lhe todo o veneno.

Desde esse dia o calangro, A cabeça embalançando, Quando vê gente passando Junto de sua pousada, Suspira e diz: — Ah, meu tempo! Eu já fui alguma coisa, Mas hoje não sou mais nada!

H

O caso, sempre lembrado, Eternizou o ditado: — Ah, meu tempo! O potentado Diz, perdido o seu lugar; A magra dispepsia, Quando vê-se num jantar; A invalidez do guerreiro Vendo o bravo batalhar; O vaqueiro encanecido, Vendo o filho campear; O ancião jangadeiro, Vendo o moço manobrar; De seu leito, antiga dama, Vendo a jovem namorar; No baile o velho gotoso, Vendo o mancebo valsar, Ou perto, moça faceira Outra faceira a beijar.

E passando indiferente,
Sem conceder-lhe um olhar;
Finalmente, quem não pode
Vendo quem pode, gozar...
Todos na mesma toada
Saudosa e triste: — Ah, meu tempo!
Que já fui alguma coisa,
Mas hoje não sou mais nada!

Ш

No teatro deste mundo,
Assim é nosso viver:
Uns de cima, outros de baixo,
Um sorrindo, outro a gemer;
Nédio aquele usufruindo
Farturas da posição...
Este magro, despedindo
Mil raios na privação!
Desce o pano e sobe o pano,
Varia só o cenário;
Mas tudo é necessário
No drama da Evolução!

Que mais direi? — Um consolo:
Tenhamos fé, esperança,
Que depois da tempestade
Nunca faltou a bonança...
Tudo muda e tudo passa!
Após a negra desgraça,
Vem o sol, — felicidade;
Amanhã, outra alvorada,
Depois do pranto a risada...
E o feliz descendo a escada,
Dizendo vai: — Ah, meu tempo!
Eu já fui alguma coisa,
Mas hoje não sou mais nada!

A TRANQUILIDADE





Foi um dia, dona Aranha Encontrando na cidade A dona Ventosidade Disse alegre: — Há quanto tempo Não nos vemos, mas enfim! E ambas, mutuamente: — Comadre esteve doente? — Comadre, tão magra assim? - Ai, responde dona Aranha, É cansada de penar... Moro na casa de um rico Onde vivo aperreada, Que a maldita da criada Em contínuo espanejar, Tira-me a teia, a fiada, Não me deixa prosperar! Pois o mesmo me acontece, Responde Ventosidade; No corpo de um jornaleiro, Comadre, fui habitar...

E o maldito do roceiro,
Na foice, enxada e machado,
'Té no pilão a pilar...
Balança, tanto balança,
Qual barco em revolto mar!
Não mais, comadre, um repouso!
Mudando sempre de pouso,
Vivo em diversos lugares!
— Ó, comadre, uma lembrança!
Façamos logo a mudança,
Troquemos os nossos lares;
Me ceda a casa do pobre
Qu'eu lhe cedo o meu solar;
Que neste mundo é ditoso
Quem sabe se colocar.

E dito e feito! Fizeram A troca de seus lugares; Já dona Aranha, os teares Na casa do pobre armou; E lá tece uns cortinados,
Finas rendas e bordados,
Ninguém mais a incomodou!
Que a senhoria, coitada,
Não pôde pagar criada,
Nunca o tempo lhe sobrou!
E dona Ventosidade
No corpo do rico entrou;
E o rico logo deitou-se,
E nunca mais levantou-se
Nem ela mais se mudou!

Que f'licidade tamanha Não trouxe a tranquilidade! Na casa do pobre a Aranha, No rico, a Ventosidade!

FORMOSURA





Casei-me com Formosura, Só pensando na beleza; Agora que tenho fome Formosura, bota a mesa!

Quanto enlevo ao contemplá-la, De mimos quanta riqueza! Mas nada trouxe... Entretanto, — Formosura, bota a mesa!

Apenas veste a plumagem, Ave de rara lindeza! Somente penas... Qu'importa? — Formosura, bota a mesa!

Mas quando desperta a aurora No rio, que singeleza... Que melhor café, que aroma... — Formosura, bota a mesa!

E nos olhos que me volve, Meiguices, amor, pureza: Almoço delicioso... — Formosura, bota a mesa! E passeando no bosque, No seio da natureza...

- Jantemos um doce amplexo...
- Formosura, bota a mesa!

E fala e canta, inocente; Que chiste, que gentileza, Para a merenda da tarde...

- Formosura, bota a mesa!

Eis caem as trevas da noite... E o luar pela devesa Traz cismas p'ra nossa ceia...

— Formosura, bota a mesa!

E como casal de rolas, Unidos pela firmeza, Dormimos sonhando festas...

— Formosura, bota a mesa!

Mas, ai, que noto em seus olhos Certos sinais de fraqueza... Que, decerto, outro alimento... — Formosura, bota a mesa!

Também sinto os membros lassos, Tremores, certa frieza... Vertigens, talvez, quem sabe? — Formosura, bota a mesa!

Ai, no meu sonho, esquecido Da despensa e da despesa, Que sem panela no fogo Não se pode botar mesa...

Casei-me com Formosura, Só pensando na beleza; Agora que tenho fome, — Formosura, bota a mesa!

CANTIGA DE FRADE





"Ai, tempos que não mais voltam... Ai, tempos que longe vão!"

Os ricos se confessavam Com fervor, com devoção; Em vida, muitos presentes, Por morte, o melhor quinhão... Novenas, missas, responsos... Não nos faltava porção!

> Ai, tempos que não mais voltam... Ai, tempos que longe vão!

Nos conventos, a fartura, Hoje em dia a privação; Às igrejas não faltavam As pratas com profusão; Ah! nenhum santo sem festa, Nem festa sem comunhão!

De quando em vez penitência, Depois da santa missão; Ricos, pobres, homens, damas, Não havia distinção, Carregando cruz ou pedras, De noite, na procissão!

> Ai, tempos que não mais voltam... Ai, tempos que longe vão!

Ninguém fazia um negócio Sem a nossa aprovação; Nos conselhos de família Sempre a nossa intervenção; Que o padre fala inspirado, Vem do céu a inspiração.

Ai, tempos! Nenhum herege Escapou do fogo, então, Nas fogueiras sacrossantas Da divina Inquisição; Nas praças o pelourinho Servia de correção!

> Ai, tempos que não mais voltam... Ai, tempos que longe vão!

Que falta, meu Deus, não fazem Os meios da salvação! Hoje em toda parte abismos, Abismos da perdição! Satanás, mestre em ciências, Já pregando a evolução!

Os principais incorrendo Nas penas da excomunhão, Fundando maçonarias Com tamanha ostentação... Difundindo más doutrinas No meio da multidão!

> Ai, tempos que não mais voltam... Ai, tempos que longe vão!

Agora nem mais inferno, Nem mais diabo!... Irrisão! Dos astros fizeram mundos, Da vida, reencarnação! Só um culto, a caridade; Um só templo — o coração!

E o Santo Padre oprimido, O cetro seu noutra mão! O frade arrancado à cela, Expulsa a congregação... E em mil seitas dividido O velho credo cristão!

> Ai, tempos que não mais voltam... Ai, tempos que longe vão!

Ó! Deus do céu, piedade! Tende, Senhor, compaixão! Que será de vosso servo, Das trevas no aluvião?! Assim discorria um frade, Do claustro na solidão...

> Lembrando os tempos passados... Os tempos que longe vão!

A PARTIDA





Quando eu me for desta terra Irei nos ares voando, Para que os matos não digam Que já me viram chorando...

Quando eu me for desta terra Finda a minha provação, Meu amor levarei todo... Da campa fica no lodo Meu vazio coração.

Irei nos ares voando, Triste só por te deixar, Em teu rosto vendo o pranto... Que não te esqueças do quanto No mundo te soube amar! Para que os matos não digam Que ouviram meu soluçar, Não verão a minha imagem Passando entre a ramagem, As folhas a balouçar.

Apenas dirão as flores Que já me viram chorando Quando te amava na vida... Contudo, após a partida, Viverei 'inda te amando!

Neste mundo e no outro mundo, Por entre as nuvens vagando, Que diga o sol, diga a lua, Que minh'alma é toda tua... Que já me viram chorando!

A CASA-GRANDE





Ninguém se julga feliz Inda tendo um bom estado, Que vem a tirana sorte, Faz do feliz desgraçado.

I

Ainda sobre a colina
Vê-se o resto da ruína
Da casa-grande chamada,
Da casa do coronel;
Ali morava a riqueza,
A maior da redondeza,
Mas seu dono era cruel!
Não respeitava a donzela,
Não respeitava a casada;
A viúva, sendo bela,
Era logo requestada...
E ai da virtude rebelde,
Da virtude revoltada,
Que não tardava a vingança,
A vingança mais danada!

E não só isso, — o perverso A gente pobre oprimia; E os bens de quem lhe devia Sem compaixão confiscava; Não tinha dó dos escravos, Quando os escravos surrava; E muito se cochichava Em tratos, em crueldades... De seus crimes e maldades, Com medo o povo falava.

Mas um dia veio a seca, Trazendo a calamidade. Dos mares na tempestade, Mais sofre a nau que a jangada; E por isso a casa-grande Foi a mais prejudicada! Três anos de inf'licidade! O coronel perdeu tudo, Da desgraça na enxurrada! De seus gados, pelos campos Morreu toda a versidade: Escravos, que lhe restavam, Já vendidos na cidade... Todo o dia uma esperança, Do Destino uma cilada; O infortúnio não descansa Antes do fim da jornada! E o coronel soluçando, Em levas de retirantes, Foi a passos oscilantes Muitas vezes murmurando, Saudoso do seu país: Ninguém se julgue feliz, 'Inda tendo um bom estado, Que vem a tirana sorte, Faz do feliz desgraçado.

II

A casa-grande acabou-se, De todos abandonada; Depois da seca, restava Do gigante a branca ossada; Aquelas tristes ruínas, Dos morcegos a morada; Que longe morrera o dono Qual morrera a filharada!

Eis que um dia um rapazinho,
Que médium era e vidente,
Que via sempre visagem
Como lá dizia a gente,
Depois de longa viagem
Em procura de seus gados
Adormeceu nas ruínas,
Descansando os pés cansados;
E noutro dia, bem cedo,
Com ares dos assombrados
Contou casos tenebrosos
Que, por todos comentados,
Passaram de filho a netos,
E ainda são relembrados.

— Dormi um sono, contava, E quando, tarde, acordei, O vento da meia-noite Gemendo frio escutei; Então, não sei como narre O que então presenciei! O coronel em pessoa, Da casa-grande o senhor, A soluçar magoado, Enquanto perto — Ó, que horror! — Envoltos nos cobertores Surgiam de todo lado Fantasmas acusadores, Dizendo: — Sofre, malvado, Dos pobres perseguidor! Sem pena me seduziste, Sem pena me poluíste, Sem pena me reduziste À mais extrema pobreza!

Tinha terras, — m'as tiraste, Tinha gados, — m'os roubaste, Vencendo a tua grandeza A minha suma fraqueza! E o coronel soluçando Exclamava: — Compaixão! Mas um escravo arrastando De ferro enorme grilhão, Respondia: — Piedade? Nos açoites, crueldade... Eu te pedi, mas em vão! E passam todos bradando: — Sofre a tua punição Consumido de remorsos Debaixo da maldição! E o coronel soluçava Acompanhado do vento, Que não cessava o lamento Nas camarinhas e salas. Até nas tristes senzalas!... Depois, sombrio e tristonho, Chega-se a mim e me diz: Ninguém se julgue feliz 'Inda tendo um bom estado, Que vem a tirana sorte, Faz do feliz desgraçado!

III

Mais tarde, de madrugada, Tive ainda outra visão; Vi minha mãe adorada, Vinha da santa mansão. Ela me disse: — Filhinho, Ouve e guarda esta lição: O coronel que tu viste Já conseguiu permissão De renascer neste mundo Mas em baixa condição, Para expiar seu passado, Para obter seu perdão. Será mais um indigente Em sujos trapos, doente, Noite e dia a mendigar; Muito humilde onde foi fera. Onde tanto mal fizera Talvez no mesmo lugar!... Pois Deus é a suma justiça! Por isso na humanidade Tamanha desigualdade: Um nasce cego chorando, Outro sorrindo, enxergando, Um aleijado, outro são... Que iguais não foram na vida, Na culpa já cometida, Na passada encarnação;

Mas todos quites um dia Terão eterna alegria, Não haverá exceção! De Jacob subindo a escada, Desta terra infortunada Até a excelsa morada Dos anjos, da perfeição!

E ao mesmo tempo eu tremia;
Na casa-grande se ouvia,
Nas ruínas ecoava
Um canto que perguntava
E outro que respondia:
— Mas o que és tu, ó, Terra?...
Escola dos atrasados,
Cadinho do grande Artífice,
Refino dos mascarados;
E os outros mundos melhores
Gradualmente são pousos
Das almas purificadas!

- E a vida, dizeis, a vida? É da vívida sequência,
- Qual da presente a vindoura, Afirma a nossa ciência!

E logo tudo emudece, Que vinha rompendo a aurora; E minha mãe foi-se embora, Mas antes disse: — Luís, Ninguém se julgue feliz Inda tendo um bom estado, Que vem a tirana sorte, Faz do feliz desgraçado!

DIA DE FINADOS





Hoje, Dia de Finados, Às campas os vivos vão Aos mortos render menagem; Mas, com certa ostentação... E eu visito um cemitério Dentro do meu coração.

Ai, nele, quantos sepulcros, Quantas cruzes no seu chão: Amores da primavera, Amores do meu verão, Que em meu outono revejo Dentro do meu coração.

Quantas florinhas fanadas, Ai, murchas 'inda em botão; Quanta esperança perdida, Ai, quanta morta ilusão... Aqui todas sepultadas Dentro do meu coração. Aqui aquela morena, Minha primeira afeição; Ali aquela lourinha Qu'esperava dar-me a mão; Todas têm palma e capela Dentro do meu coração.

Além, nas urnas funéreas Da maior veneração, Os meus pais idolatrados, Onde lê-se esta inscrição: — Amor e saudade eterna, Dentro do meu coração.

Ao redor, os meus parentes Da maior estimação; Uma irmã qu'eu tanto amava, A quem devo gratidão, Entre rosas e boninas Dentro do meu coração. E quantas cruzes de amigos, Lembrando dedicação; De amigos que me deixaram Chorando na solidão, Neste triste cemitério, Dentro do meu coração.

Onde cultivo flores, Eis minha consolação; A saudade, a sempre-viva, Perpétua recordação, Para enfeitar suas campas, Dentro do meu coração.

E minh'alma ajoelhada Nesta santa região, Entoa sentidas preces Da mais pura devoção, Entre ciprestes e cruzes, Dentro do meu coração.

— Ceará, 2 de novembro de 1904 —

OLHOS DE MÃE





- Gavião, neste momento,
 Disse a coruja onde vais?
 Eu vou caçar alimento
 No bosque dos piroás.
 É lá que tenho o meu ninho...
 Que medo não sinto agora!...
 Uma mãe, por Deus, te implora:
 Se vires no teu caminho,
 Por esses matos verdosos,
 Os mais lindos passarinhos,
 Tão gentis e graciosos,
 Não comas os bonitinhos;
 São os meus filhos mimosos!
- Pois, coruja, eu te afianço,
 Só comerei os feiosos...
 Pois, gavião, eu descanso
 Que meus filhos são formosos.

E o perverso voltou logo, Por ter depressa comido, Que certo fora à fartura... E quem fizera o pedido, O resultado procura.

- Eu não vi a formosura!
 Comi somente uns feiosos,
 Carrancudos, atrevidos,
 De plumagem torpe e suja...
 Olhos grandes, parecidos
 Com estes teus, ó, coruja.
- Cego e mau não enxergaste!
 Chamar meus filhos feiosos!
 Foi porque não os olhaste
 Com os olhos de mãe... senão
 Os acharias formosos,
 Desalmado gavião!

CENA SERTANEJA





Na luta dos sentimentos, Ninguém escapa à traição!

I

É noite de lua cheia,
Noite de claro luar;
Hoje deve a vaqueirada
Reunida, vaquejar
Os seus gados catingueiros,
Que por serem mocambeiros
Não os pudera juntar,
Nos serrotes, nos talhados,
Nos matos emaranhados,
Que fora grande o inverno,
E por isso estão fechados;
E, quando, durante o dia
É debalde campear,
Campeia-se durante a noite,
Noite de claro luar.

Portanto o moço vaqueiro,
Em sangue de rês molhou
Verdes ramos, e de tarde
Na clareira os colocou,
Em lugar conveniente,
Que mais azado julgou;
Que os mocambeiros sentindo
Cheiro de sangue de irmão,
Ou tristes berros ouvindo,
De noite todos virão,
Ai, chorar, como parentes
Em derredor do caixão...
E decerto em tais momentos,
Na luta dos sentimentos,
Ninguém escapa à traição!

II

E é noite. Chegara o tempo Em que devem caminhar: Na fazenda a vaqueirada, No terreiro aparelhada, Em bons ginetes montada, Combina seu campear; Estes para as marizeiras, Aqueles para as ribeiras; E partem, mas devagar, Pois então qualquer zoada Pode espantar a boiada; A seu tempo, o galopar: E assim partindo os vaqueiros, À luz do claro luar, Entre os matos, sorrateiros, Mais parecem guerrilheiros Que vão bater infiéis; Os Roldões em seus corcéis, Que mouros vão degolar; Os fantasmas, as quimeras, Das histórias de outras eras Que as velhas contam no lar!

Eis chega a hora esperada; Cai de chofre a vaqueirada, Fecha o cerco desalmada, Aproveitando a aflição... Que a não pressente quem chora, Quem o seu morto deplora, Urrando, escarvando o chão! Que susto, pois, quanto arranco! Cada qual busca sortida, Rolando tronco e barranco! Há gritos, há confusão, Quedas, pragas, vozerias... Mas findam-se as correrias, E os miserandos surpresos, Cabisbaixos, todos presos, Já seguem sem mais ação! Mas, demandando o cercado, Talvez diga o triste gado, Mugindo, ou mesmo calado, A quem o conduz: — Cobarde, Não faças tamanho alarde; Que me encontraste enlaçado, Nos laços do coração! Ai, decerto, em tais momentos, Na luta dos sentimentos, Ninguém escapa à traição

O CEARENSE





I

Subindo de rio acima
Em procura da nascença,
Encontrei-a, e sem detença
Minha origem vou contar:
Minha terra era habitada
Pelo Tapuia inocente,
Quando veio estranha gente
Da outra banda do mar.

E conquistou-a, sem pena,
Da força pelo direito;
Portugal, em seu proveito
Vem cultivá-la, é senhor,
Mas chegam bravos de Holanda,
Disputando aos portugueses
Prenda de tanto valor.

Houve lutas porfiadas, Mas vencendo, o lusitano Mandou o povo gitano, Qu'infestava o seu país, Povoar sua conquista, Cruzando com indianos E com pretos africanos, A quem dobrara a cerviz.

E nasceu o cearense!
Deste misto ou cruzamento,
É o resultado, o rebento
Florescente, belo e forte!
De sua velha ascendência
Herdeiro do predicado,
Tornou-se assaz estimado
Na Pátria, de Sul a Norte.

Ora luso aventuroso,
Ora índio independente,
Ou gitano inteligente,
Ou líbio trabalhador;
E por isso, em toda a parte,
Quanto vale se conhece,
Que abundante é sua messe
De bons frutos no labor.

П

Sou cearense e me ufano! Pertenço à hoste aguerrida, Sempre em luta pela vida, Que não sabe recuar! Minha terra é mãe fecunda Que tem filhos por milhares, Que s'espalham noutros lares, Num contínuo viajar! Entretanto, quem não sabe? Possui montanhas verdosas Onde as plantas são viçosas, Onde o fruto alastra o chão; Vastos campos onde os touros, Nédios, urram sobranceiros, Entre os bandos de carneiros, Nas fazendas do sertão.

Praias lindas que se estendem Junto das vagas brilhantes, Em que peixes abundantes Dão fartura ao litoral; Minérios são explorados, Ouro, cobre, outros metais; Em riquezas minerais Decerto não tem rival. Mas o destino a persegue!... Quando chove, — é o paraíso; Mas eis que vem d'improviso Seca tremenda e fatal! Morre o gado e mirra a planta, Surge a fome, a peste, horrores! E curtindo acerbas dores, Ei-la indigente, afinal!

E os filhos, como emigrantes, Pedem pouso à Amazônia; Em paga, sua energia, O seu esforço eficaz; Que os rios de lá não secam, Que o trabalho nunca falta; Que importa a febre que assalta Traiçoeira e pertinaz?

Que importa a fera no bosque, Nos rios o jacaré, As enguias no igarapé, E o selvagem rude e nu? Nada teme o cearense! Audaz afronta os perigos, Até mesmo os inimigos Da Bolívia, do Peru? E labuta ao sol, à chuva, Nos funestos lamaçais, Desleitando os seringais, Que em seu lar espera o pão A família que deixara, Que não pôde acompanhá-lo Nas garras da privação!

E outros tomam rumos vários, Conforme as aptidões; Em diversas direções, Por todo o planeta vão! Mas, lidando em qualquer parte, Seu ligeiro pensamento Não abandona um momento O seu querido torrão!

Ш

Sou cearense e me ufano! Que esta Terra de Iracema, Primeiro quebrou a algema Nos pulsos da escravidão! Nos verdes mares bravios, Voando a sua jangada Foi nessa santa cruzada O barco da salvação!

E por isso a voz do povo
Chamou-a — Terra da Luz —
Cumprira a lei de Jesus:
Do cativo à remissão;
E dessa luz a centelha
Produziu geral incêndio,
Acabando o vilipêndio,
Do servo fazendo irmão.

E fez o trabalho livre, Nos seus campos de lavoura; Trabalho que não desdoura, Qu'enobrece o cidadão! Dando assim um grande exemplo Ao do sul, irmãos maiores, Que os regavam com suores Da nefanda escravidão!

E o alto poder nos prélios, Se carece de soldado, Os olhos volve, animado, Pr'as bandas do Ceará; Para a terra de Tibúrcio, E de Sampaio valente; Onde melhor combatente? Mais valoroso não há!

E manda chamar o Clóvis, Quando precisa um jurista; Quando fala em romancista, Lembra José de Alencar. Portanto declaro, ufano Da glória que me pertence: — Sabei vós, sou cearense, E a minha glória é sem par!...

O MUNDO





No cenário do planeta, Que por destino habitamos, Quantas jocosas comédias, Quantos dramas e tragédias, Sem tréguas presenciamos; Ora rindo às gargalhadas, Ora sérios, carrancudos, Ou com prantos às canadas; Aqui assistindo entrudos, Ou lutas encarnicadas; Ali escutando mudos As almas despedaçadas; E assim vemos neste palco Burundangas laureadas Como coisas de valor: Muitas caras mascaradas Onde não mora o pudor; De sotaina a simonia Vendendo missas... que horror! Infernos pintando eternos, Lucrando com o terror.

No templos de vários cultos Rezando a especulação, Cada qual é o verdadeiro, Mas na sua opinião; Julgando as togas e becas Como julgar lhes convém, Cortejando o poderoso, Maltratando o sem-vintém; Em carruagens faustosas A torpe malversação, A riqueza desonrosa, A vaidade sem razão; E prendendo, quem devera Há muito estar na prisão: Triunfando em toda parte A servil bajulação.

E sucedendo à comédia, O drama, a infausta tragédia! No hospital a doença Com seus espinhos e dores; Na família os dissabores;

Soluçando a desonrada, Vendo passar na calçada, Impune, seu sedutor; A pobreza envergonhada, A luta de cada instante, A mágoa mais cruciante, Nas sombras o adultério, Ciúmes, prantos, mistério... Ó! quadros d'angústia e dor! Do vício, a sociedade Eis no jugo enlanguescendo Da embriaguez que a embrutece, Do jogo que a vai roendo; Enquanto, na humanidade, Da seca a calamidade, Horrores da inundação; Da peste a desolação, Os combates carniceiros, Atentados fragoeiros [sic], Logo após a reação, O forte calcando o fraco, Lobos comendo cordeiros, Tiranos hoje altaneiros, Rolando amanhã no chão! Mas é preciso o que vemos Pois o mundo em que vivemos É mundo de expiação!

Atritos e revulsivos Pede a nossa expurgação; Que não brilha o diamante Não tendo lapidação; E o metal, quem purifica Sem fogo, sem a fusão? Sem ferver, sem escumar-se, Não se faz refinação;

Por isso, sem dor, sem pranto, Sem a desgraça, a aflição, Como podem criaturas Adquirir as alvuras Para subirem às alturas Da celeste habitação?

Em cujo excelso salão Não entra o rude campônio Que não teve educação; E sim, a sabedoria Da virtude pela mão; A mais fina cortesia, Ao lado da correção; Finalmente só os dignos De morarem com divinos, Dos anjos na região! Mas, para isso uma vida Não chega, tendes razão; Mas, outras teremos, tantas Quantas nos forem precisas Das vidas na sucessão, Na imensidade dos mundos, Sujeitos à gradação, Até ao ditoso estado, Estado de perfeição, De apresentar-nos diante De Deus na santa missão!

ALMA EXILADA





Assim uma alma dorida Neste planeta exilada, No fim da noite da vida Cantava de madrugada.

Coragem, eia, coragem,
Das urzes trilhando a estrada,
Qu'importa a longa viagem?
Em breve finda a jornada,
Que perto vem a alvorada,
Sorrindo, trazendo a luz
Pr'a me levar à morada
Do puro amor de Jesus.

Já o galo amiudando Os seus cantos anuncia Que perto, presente o dia A treva horrenda espancando. E, pois, coragem, caminha
Ao termo da travessia,
Cantando triste e mesquinha
A tua penosa história;
Na dolorosa toada
Revela vida passada
Entre os povos atrasados
'Té os fragosos talhados
Desta montanha sem glória!

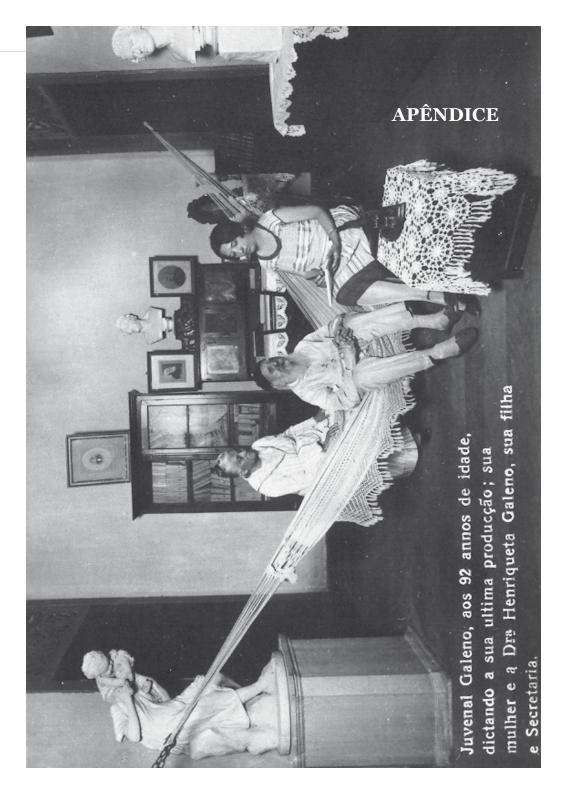
Ai, vida por entre espinhos, Vencendo rudes caminhos, Com fome, sede e nudez! Sede e fome de carinhos, Sentindo frios daninhos, Ai, frios letais, em vez De calor de seio amigo, Que piedoso, um abrigo Me desse na viuvez! Somente o fero egoísmo Em toda parte encontrei! O mais baixo servilismo Com audácia, com cinismo, Sem brios ditando a lei! Por isso, ai, degredada, Dos poderosos da grei; Que mentir eu não sabia, Lisonjear não podia... Nunca a seus pés me curvei; Com a fronte sempre erguida, Sempre aos vis eu desprezei!

Ai, quanto fui perseguida! Pois uma alma enobrecida Jamais encontrou guarida Nas terras onde habitei! E, sim, vê-se escarnecida, Muitas vezes preterida, Entre os irmãos do degredo! Mas, basta! Basta! O passado, De tanto pranto molhado, Vou sepultar no segredo; Ai, devo calar as dores, As penas, os dissabores, Que já diviso os fulgores Da aurora da eternidade... Adeus, pois, mundo cruel! De ti não levo saudade: Só me deste amargo fel; Que nas tuas alegrias Misturas as agonias E tem veneno o teu mel!...

Não sinto mais embaraço!...
Qual da prisão, solto o laço,
Voa a ligeira avezinha
Em demanda à pátria minha,
Alegre volto ao espaço!
Ai, como prisioneiro,
A quem leu o carcereiro
Seu alvará de soltura.
Ficai grilhões d'amargura,
Que me espera a f'licidade
Num porvir doce e benigno;
Da celeste Potestade,
Vou aguardar meu destino.

Assim uma alma dorida Neste planeta exilada, No fim da noite da vida Cantava de madrugada.

— Ceará, 1907 —



Participação de Juvenal Galeno em Fortaleza revista litteraria, philosophica, scientífica e commercial

Soneto

Quanta luta, meu Deus, quanta aspereza Nos caminhos da vida, em toda a parte! Como a dor fatalmente se reparte No reino, todos os três, da natureza.

Do mais pequeno inseto, a mor grandeza; Em tudo que o viver térreo comparte; Do mais ignorante ao de mais arte; Dos humildes até a realeza.

É que tudo tem alma, evoluindo, Que parte das maiores profundezas, As montanhas mais altas atingindo.

E na longa ascensão, quantas surpresas; Quantas vertigens; que mistério infindo; Que imenso labirinto de incertezas!

> Juvenal Galeno para a revista *Fortaleza*, Ano I, nº. 5, fevereiro de 1907

Soneto

N'um velho pardieiro abandonado, Mora moça gentil loura e galante; Que entre as flores procura a mais fragrante E enfeita as suas tranças, seu toucado.

E o dia passa a ler de vate amado O poema dileto e mais vibrante: E de tarde, saudosa e delirante, De cabelos ao vento vai ao prado.

E como os colibris sobre as colinas Com beijos se alimenta em fresca rosa, Nos brancos bogaris ou nas boninas.

Essa moça é minh'alma afetuosa Que morando do meu corpo nas ruínas É sempre juvenil e nunca idosa.

> Juvenal Galeno para a revista *Fortaleza*, Ano I, nº. 6, março de 1907

Os Mundos

Quando à noite fito o céu, eu admirado Da beleza dos astros cintilantes... Esse espaço coberto de brilhantes, De milhares de mundos povoados;

E medito, depois, extasiado, No sublime viver dos habitantes Desses orbes tão lindos e distantes, E o comparo com mágoa ao nosso Estado...

Convenço-me inda mais de que este mundo É rude região dos desterrados, É d'alma o crisol, é cárcere imundo.

Que somos todos nós os condenados, Pelo Grande Juiz justo e profundo, Por crimes n'outras vidas praticados.

> Juvenal Galeno para a revista *Fortaleza*, Ano I, nº. 7, abril de 1907



A Saudade

De cabelos no colo desatados, E com prantos no rosto deslizando, Ela passa a cismar, comemorando, Os instantes felizes, já passados.

Então, quantos gemidos magoados, As venturas d'outr'ora recordando... Naquele vale umbroso, uma vez, quando Uns protestos ouvira apaixonados...

Uma tarde, na sombra da ramagem... Uma noite, da lua à claridade... Em casa, regressando da viagem...

Ó, não a perturbeis na soledade, Que, vagando na terra, é pura imagem Das tristezas do céu — é a saudade.

> Juvenal Galeno para a revista *Fortaleza*, Ano I, nº. 8, maio de 1907

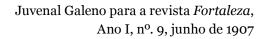
As Vagas

Ó, vagas, que rolais na branca areia, Contai-me a lenda dos umbrosos lares, Que minh'alma infantil, nos seus cismares, Há tanto tempo desvendar anseia.

Quantos dramas de amor que devaneia, Bóiam nas ondas destes vastos mares, Nas lutas e explosões, entre os esgares, Quanta cena de horror, de angústia cheia.

Quantos tesouros, cabedais, riquezas Ocultam-se em seu seio, há longos anos, Nos grandes armazéns das profundezas.

Dizei-me, vagas, revelando arcanos Do palco imenso das fatais surpresas... Ó, tudo o que sabeis dos Oceanos.







Juvenal Galeno, o esquecido, segundo o dizer de Arthur Azevedo.

"Publicando *Lendas e Canções Populares*, quis demonstrar, diz Pinheiro Chagas, a existência dessa poesia do povo brasileiro, e quis revelá-la ao mundo literário dando-lhe uma forma um pouco mais cortesã, sem contudo se afastar da inspiração ingênua dos rudes trovadores."

Sua bagagem literária é a seguinte: *Prelúdios Poéticos*; A Machadada (sátira); *Porangaba*, poema herói-cômico [sic]; Cenas Cearenses [sic. Refere-se ao Cenas Populares]; Lira Cearense; Canções da Escola; Quem com Ferro Fere com Ferro Será Ferido; Evaristo Teixeira da Veiga (poesia) [?]; Ao Imperador, a partir para a guerra [?] e Novas Canções Populares [refere-se à segunda edição de Lendas e Canções Populares].

De suas lutas na imprensa tem: os *Folhetins de Silvanus* e a *Medicina Caseira* [curiosa a citação, ainda em 1907, de *Medicina Caseira*, que seria publicada, em livro — não temos referências de publicações na imprensa —, apenas em 1969, e cujas peças datadas apresentam-nas de 1918 e 1919].

Juvenal Galeno é o mais lídimo representante da poesia popular no Brasil; e assim é proclamado por Franklin Távora, Araripe Júnior, Pinheiro Chagas, Conselheiro José Feliciano de Castilho, Marques Rodrigues, Machado de Assis e outras sumidades.

Atualmente, está Juvenal completamente cego.

Revista *Fortaleza*, Ano I, nº. 12 (último número), outubro de 1907

MISCELÂNEAS





A Vida

Não sou o condor dos Andes A revoar arrojado, Nem águia que faz seu ninho Sobre o cimo alcantilado, Nem gênio que sobe às nuvens Para cantar inspirado.

Mas sou o bardo das selvas Que canto junto à viola Cantiga que ao povo alegra E muitas vezes consola.

Juvenal Galeno (*Juvenal Galeno*, de Freitas Nobre, série Grandes Vultos das Letras, Ed. Melhoramentos)



O Velho Poeta

Se vires um poeta encanecido Dos amigos d'outrora abandonado, Sem vista para ler, mas, conformado, Da rua nas palestras esquecido...

Na cidade natal desconhecido, No país em seus versos celebrado, E entre o povo por quem fora escutado Muitas vezes então desvanecido...

Ai, sou eu que, morrendo nos meus lares, Deixarei como herança à pátria amada Minhas *Cenas* e *Lendas Populares...*

E voando nas almas à pousada De lá espero ouvir os meus cantares Consolando a pobreza malfadada.

Juvenal Galeno



JUVENAL GALENO

Juvenal Galeno, que faleceu no dia 7 de março último, é uma legítima glória das letras cearenses.

Vindo de uma geração literária já remota, e que floresceu de 1850 a 1870, em pleno Romantismo, Juvenal Galeno, apesar de sua longa existência, prende-se exclusivamente aquele período.

Estreando-se em 1856 com *Prelúdios Poéticos*, primeiros voos líricos, ainda incertos, e publicado, em 1861, um poemeto, *Porangaba*, já em 1865 fazia surgir as *Lendas e Canções Populares*, obra que lhe firmou para sempre um lugar na literatura brasileira. A *Lira Cearense* apareceu em 1872, nada acrescentando, entretanto, ao renome do nosso grande poeta popular.

Teve ele o mérito de não se deixar influenciar pelas correntes literárias da época, e que transviaram alguns dos melhores talentos poéticos do Brasil. Com Bittencourt Sampaio, Franklin Doria, Bruno Seabra e poucos mais, procurou no sentimento popular, na alma de sua raça, a fonte da própria inspiração.

Constituem, além disso, as *Lendas e Canções*, uma expressão de nossa literatura regional, uma pitoresca documentação de nosso folclore.

A poesia ingênua é simples do nosso povo, na sua dolência e sensualismo, nas suas crendices e superstições, aí está em toda a sua rusticidade, assim como está retratado o meio em que ele vive.

É a paisagem do nosso sertão, nos seus vivos contrastes de fartura e miséria, é a luta do homem semi-bárbaro no meio inconstante; são as praias longas e alvas, com seus cenários amplos e sugestivos, e toda a vida de audácia, temeridade e sacrifício dos pescadores.

Juvenal foi o Homero dessa gente, foi o grande cantor dos pobres e humildes.

Não há, na sua obra, nenhuma idealização artística, nenhuma preocupação de ordem estética. É a pura espontaneidade de um coração identificado com os sentimentos de seu povo, nas suas alegrias e sofrimentos.

Nos seus versos patenteiam-se com vigor os traços essenciais da psique das sub-raças que povoam nossos sertões — o pundonor da valentia, o espírito da astúcia, a credulidade supersticiosa, o ânimo aventureiro, a desconfiança agressiva...

É essa a glória de Juvenal. Seus versos, que têm a frescura nativa e meio agreste da fonte em que se inspiraram, vivem no coração e nos lábios do povo, e, portanto, imortais.

Não cabe, neste rápido necrológio, analisar a obra do glorioso cearense, apenas quisemos acentuar o seu valor e significação.

O ilustre bardo cearense pertencia ao quadro de sócios honorários do Instituto do Ceará.

Sobre sua vida e bibliografia são os seguintes dados oferecidos pelo inestimável *Dicionário Biobibliográfico* do Barão de Studart:

"Filho de José Antônio da Costa e Silva e D.ª Maria do Carmo Teóphilo e Silva, nasceu a 27 de setembro de 1836, em Fortaleza, na casa nº 66 da Rua Formosa [atual Barão do Rio Branco], vizinha a casa em que funcionou o *Cruzeiro do Norte* e anteriormente ocupada pela *Lyto-Typographia Cearense*, que era de propriedade de D.ª Diva de Alencar Gadelha e substituiu à *Litographia Cearense* dos irmãos Costa Souza. Neto, pelo lado

paterno, de Albano da Costa dos Anjos e, pelo lado materno, do português Manoel José Teóphilo. Primo, pelo lado paterno, de Capistrano de Abreu e, pelo lado materno, de Clóvis Beviláqua.

Em 1850, por morte do Dr. Ayres, que exercia medicina no Aracati, tratou José Teixeira Castro de dar-lhe sucessor. Teixeira Castro, que foi sogro do Dr. Thomaz Pompeu Filho e do Desembargador Gomes Tavares, era dono de grande farmácia e tinha, pois, interesse em que a localidade possuísse um profissional. Sobre Marcos Teóphilo, tio de Juvenal, recaíram suas vistas e para lá seguiu o novo médico, mediante o partido de dois contos de réis.

Em companhia do parente, seguiu Juvenal, que já então estudava latim com o Pe. Nogueira Braveza.

A mudança não lhe prejudicava os estudos, porquanto, em Aracati, havia uma escola pública da mesma disciplina sob a regência de Porfírio Sabóia; nessa escola matriculou-se ele. Foram seus condiscípulos: Pergentino Glicério Sá Leitão, que depois de Juiz de Direito tomou ordens sacras, e Leôncio Chaves, o heroico padre que sucumbiu na epidemia de cólera vítima de sua admirável caridade.

Ao tempo em que frequentava o curso público, ouvia Juvenal igualmente as lições de um seu amigo que se empregava a desmanchar fardos de fumo e a fazer e a vender charutos. Esse charuteiro mais tarde freqüentou o Seminário de Olinda, empreendeu uma viagem à Terra Santa e cingiu com brilho a Mitra Pernambucana; chamou-se D. Manuel de Medeiros.

Destinado por seu pai que vivia da agricultura, a substituílo como único filho varão que era, na direção dos trabalhos rurais, conseguiu, todavia, Juvenal, a permissão de visitar a capital do País e para o Rio se transportou. Ali ligou-se intimamente a Paula Brito a quem o recomendaram cartas de Rufino José de Almeida, o velho, residente em Recife, um amigo de seu pai que estivera no Ceará. A casa de Paula Brito era então *rendez-vous* dos magnatas e também dos homens das letras; aí travou Juvenal relações com alguns que, mais tarde, e hoje, têm chamado a atenção pública e celebrizado o nome, por exemplo, Machado de Assis, então tipógrafo, e Quintino Bocaiúva, pupilo de Saldanha Marinho e que substituiu o Alencar [José de] na redação do *Diário do Rio de Janeiro*.

Em tal meio, as letras seduziam; Juvenal principiou a escrever poesias e a publicá-las na *Marmota Fluminense*, propriedade de Paula Brito, em que colaboravam Macedo [Joaquim Manuel de], o autor de *A Moreninha* e do *Moço Louro*, Teixeira e Souza, a quem se deve o poema *Independência do Brasil*, e outros distintos literatos.

Instado pela família a regressar, Juvenal ajuntou os magros dinheiros que tinha e que o pai destinara a um passeio pelo interior da província do Rio — no propósito de que estudasse o que dizia respeito à cultura cafeeira — e enfeixando, em livro, as suas poesias esparsas, publicou os *Prelúdios*. Na mesma mesa em que tirava as provas da tipografia de José Soares Pinho, tirava também Mello Moraes Paes, as provas de sua *Psicologia das Paixões*.

De volta ao Ceará, sobraçava Juvenal, dois exemplares dos *Prelúdios* ricamente encadernados. Era um mimo para o pai e para a mãe extremosa e, afim de mais cativá-los, encerravam o retrato do jovem cultor das musas. Esse trabalho de fotografia, que fora arranjado por intervenção de Insley Pacheco, a quem Mello Moraes Filho dedicou algumas páginas do seu belo estudo intitulado *Artistas do Meu Tempo*, foi, talvez, o primeiro que o Brasil conheceu. Simples prova, ou ensaio, mantém-se até hoje, perfeitamente, esse retrato, como verifiquei.

Joaquim José Pacheco, depois Joaquim Insley Pacheco, a quem me referi, chegando de Portugal a Fortaleza foi, por anos, caixeiro de Antônio Borges e depois de João Antônio Garcia, com cuja filha, D.ª Elvira, consorciou-se a 6 de agosto de 1852, sendo celebrante do ato o Pe. José Cândido da Guerra Passos e testemunhas Antônio de Oliveira Borges e sua senhora e o Comendador Francisco Coelho da Fonseca e D.ª Maria Efigênia, irmã mais velha da noiva; depois seguiu para os Estados Unidos, onde se aperfeiçoou na arte da fotografia para a qual tinha decidido pendor, e onde nasceu-lhe a primeira filha, também Elvira.

Tornando ao Ceará, após penosíssima viagem, aqui demorou-se por algum tempo, seguindo depois para Pernambuco e daí para o Rio de Janeiro, onde fixou residência e viveu a trabalhar honrando-se a profissão que se fez notável e tão apreciado.

Na sua fazenda da Serra da Aratanha, onde residiu até 1886, consorciou-se Juvenal, a 19 de novembro de 1876, com D.ª Maria do Carmo Cabral e Silva, filha do Comendador Cabral de Mello.

Por ocasião da cerimônia, que foi celebrada pelo bispo D. Luiz Antônio dos Santos, recitou uma poesia encomiástica, um dos sacerdotes da comitiva:

Salve festa dies; Juvenalis tu inclyte vates Salve; et tu conjux ipsi carissima, salve

O autor da poesia chamava-se Jerônimo Thomé da Silva, que foi depois arcebispo da Bahia.

Desse matrimônio deixa os seguintes filhos: doutora Henriqueta Galeno, bacharel em Direito; D. ^a Maria do Carmo Sidou Galeno, esposa do Sr. J. Sidou; D. ^a Julinha Santanna Galeno, esposa do Dr. Manoel Santanna, juiz de direito de S. Francisco de Uruburetama; Dr. Antônio Galeno da Costa e Silva, juiz de direito da comarca de Milagres, e José Galeno da Costa e Silva, agricultor no município de Pacatuba.

Mudando de residência para Fortaleza, Juvenal exerceu, até 1908, o cargo de Bibliotecário Público, que ocupava desde

1889, por nomeação do presidente Caio Prado, em substituição do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, nomeado lente da Escola Militar.

Em 1859 tomou assento com deputado suplente pelo círculo do Icó, sendo um dos que recusaram as leis de meio ao presidente Silveira de Souza. Nessa sessão apresentou e defendeu um projeto de criação de uma escola prática, escola normal de agricultura, de que se ocupou o Sol de Pedro Pereira.

Era Cavalheiro da Ordem de Cristo.

É a seguinte, a lista de suas obras:

- **Prelúdios Poéticos** (1856), Rio de Janeiro. Typographia Americana de José Soares do Pinho, rua d'Alfândega, 210, com 152 pp.
- A Machadada (1860), poema fantástico, Ceará.
 Impresso na Typographia Americana de Theotônio Esteves de Almeida, rua do Fogo [nome de um trecho da atual Major Facundo], com 26 pp.

Deu causa à *Machadada* ter Juvenal Galeno, que então era alferes da Guarda Nacional, preferido comer um apetitoso peru em companhia de Gonçalves Dias, Pompeu e Coutinho a se achar presente a uma revista do seu Batalhão; daí seis dias de prisão no Estado Maior por ordem do Comandante Superior João Antônio Machado; daí a terrível versalhada, para cuja não publicação choveram os pedidos, tanto perante o autor, como junto a Theotônio Esteves, que resistiu a todas as peitas e seduções.

Celebrou-se o banquete em que se sacrificou o peru, preferido às manobras e exercícios da velha Guarda Nacional, no edifício construído em Jacarecanga, em que então se hospedava parte da Comissão Científica e que, mais tarde, serviu de Lazareto.

- Porangaba (1861), Ceará, Typographia Cearense, impresso por Joaquim José de Oliveira, 102 pp.
- Quem com Ferro Fere, com Ferro será Ferido
 (1861), comédia levada à cena em Fortaleza, pela primeira vez, em 3 de novembro de 1861. Não foi impressa.

Lendas e Canções Populares (1865), Ceará,
 Typographia de João Evangelista, 415 pp.

Teve uma segunda edição [1892] aumentada com as *Novas Lendas e Canções* e precedida dos juízos críticos de Pinheiro Chagas, Araripe Júnior, Franklin Távora, José Feliciano de Castilho, Fernandes Pinheiro, Marques Rodrigues e Machado de Assis. 2ª Edição, 3.000 exemplares, Lisboa, Typographia da Casa Editora Antônio Maria Pereira, com 622 pp., editor Gualter R. Silva [Livraria e Papelaria Fortaleza].

— **Cenas Populares** (1871), Ceará, Typographia do Commercio, com 283 pp. Teve segunda edição [1902] com uma carta de José de Alencar, editor Louis Cholowieçki [Typographia Moderna a Vapor — Ateliers LOUIS, rua Formosa, 71], 321 pp., notas inclusive.

Sobre *Cenas Populares* escreveu José de Alencar: "Livro tão original ainda não se escreveu entre nós, e o Ceará deve lisonjear-se de ter quem lhe dê na literatura pátria um lugar que não tem outras províncias mais ricas e adiantadas em progresso material"

- **Canções da Escola** (1871), Ceará, Typographia do Commercio, à venda na livraria da Joaquim J. d'Oliveira & Filho, à praça do Ferreira, 34 pp., com 14 canções. Obra adaptada pelo Conselho de Instrução Pública do Ceará para uso das aulas primárias.
- Lira Cearense (1872), Ceará, Typographia do
 Commercio, com 150 pp.
- **Folhetins de Silvanus** (1891), Fortaleza, Typographia Universal de Cunha Ferro & Cia, rua Formosa [atual Barão do Rio Branco], 33, 219 pp.

Além dessas obras, publicou, mais de uma vez, sátiras em verso e prosa e colaborou em revistas e jornais do Ceará e Rio de Janeiro como *Peregrino*, *Revista do Instituto do Ceará*, *A Quinzena*, *República*, *Revista Popular* e *Jornal das Famílias*.

No *Diccionario Universal* de Maximiano Lemos encontram-se a biografia, aliás muito resumida, e um ótimo retrato de Juvenal Galeno que nele é qualificado de Berenger Brasileiro. *A Penna*, revista científica e literária de Fortaleza, sob a redação de Graccho Barroso, Marcolino Fagundes e Mattos Guerra, traz também, no número 4, sua biografia.

No quadro sintético da evolução dos gêneros na Literatura Brasileira, por Sílvio Romero, é Juvenal o único cearense citado no quadro poesia, e figura como representante do período romântico, quarto momento, ao lado de Bittencourt Sampaio, Bruno Seabra, Mello Moraes Filho etc."

Revista do Instituto do Ceará. Trimestral. 1931. Pgs 199 a 204



JUVENAL GALENO

Celebrou-se ontem o centenário de um dos maiores poetas nacionais, intérprete do lirismo da raça, tão simplesmente e natural como o canto dos pássaros, o murmúrio das águas do riacho ou o doce sibilo dos ventos nos flagelos da carnaubeira.

Embora pintando os cenários próprios de sua terra, que são as paisagens comuns do nordeste, Juvenal Galeno foi, pelo sentimento, um cantor da nacionalidade.

Em qualquer parte do Brasil as suas canções comovem as almas e acordam nelas as melhores lembranças dos tempos da meninice, os ambientes dos campos, os quadros bucólicos das vaquejadas, as melancolias dos poentes, a graça dos primeiros amores.

O Ceará é a terra privilegiada da poesia popular e do folclore.

Em nenhuma outra parte dos sertões setentrionais existe, como naquelas paragens, o menestrel profissional, o cantador de desafio, o violeiro adestrado, famoso e querido das gentes, que anda de terra em terra espalhando em versos os próprios feitos e as façanhas bravias dos grandes cangaceiros do nordeste.

A muitos conheci, tão espontâneos e férteis, que poderiam rivalizar na amplitude dos surtos épicos com as passagens mais emocionantes do maior dos poetas gregos.

Juvenal Galeno foi o máximo expoente dessa poesia.

Seus cânticos estão incorporados ao patrimônio nacional, fazem parte da memória de todos os brasileiros e quase ninguém,

nesses últimos cinquenta anos, se embalou no regaço materno sem ouvir algum trecho esparso ou incerto da sua inspiração incomparável.

Austregésilo de Athayde (*Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 1936)



A JUVENAL GALENO

A tua musa é como a cabocla formosa: Traz vestido de chita e manacás na trança; Tem nas faces a cor da mangaba e da rosa, E tão arisca ela é que um beijo a não alcança.

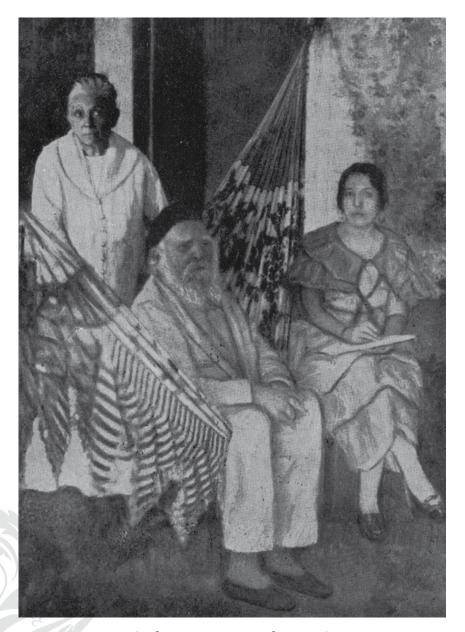
Canta uma juriti em sua alma saudosa, E em sua voz há o som da palma que balança; Quando marcha através da larga estrada umbrosa Tem seu passo a cadência airosa de uma dança.

Aromas de aguapés dos lagos azulados, Lamentações de viola e mugidos de touro, Trovas de pescador, idílios de almas chãs.

Tudo tens, Juvenal, nos cantos inspirados Que te cingem à fronte a coroa de louros, Primavera a sorrir sobre a névoa das cãs.

Antônio Sales (1952)

O Velho poeta Se vires um poeta encanecido, Dos amigos d'outro'ra abandonado, Sem vista para ler, mas, conformado, Da rua mas palestras esquecido... Na cidade natal dessonhecido, No pais em jeus versos celebrado, E entre o por por quem fora escutado, Muitas vezes então desvanecido... Heisarei como herança a patria amada Minhas Seenas e Lendas Populares... E voando ares almas a pousada De la espero ouvir os meus cantares Consolando a pobreza malfadada J. Galeno



Maria do Carmo, Juvenal e Henriqueta

